

CONECTORES COORDENATIVOS AUXILIANDO O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Simone de Queiroz Mendonça
Departamento de Letras - UFRN

Resumo

E, AÍ e ENTÃO, provenientes de fonte adverbial, tornaram-se conectores via gramaticalização, processo que conduz itens do léxico à gramática. Adotando uma abordagem funcionalista, analisamos os conectores coordenativos E, AÍ e ENTÃO como variantes dos padrões de uso da conversação cotidiana. A língua, uma vez que é variável, faz que os falantes tenham que escolher entre duas ou mais palavras ou expressões, e essas escolhas podem ser influenciadas por circunstâncias as quais denominamos grupos de fatores. Desse modo, o presente estudo foca a variação entre E, AÍ e ENTÃO de acordo com o grupo de fator (Variável): “assunto tratado na conversação no momento em que o conector é empregado”. Com relação a essa variável, podemos dividi-la em dois momentos: quando o falante aborda questão pessoal ou questão social de foro mais amplo. A partir dessas especificações, estudamos a fala do natalense através de um recorte no corpus da base de pesquisa DISCURSO & GRAMÁTICA/Natal (CUNHA, 1998). Com isso, podemos identificar as características e aplicações de uso dos conectores, bem como discutir o ensino de língua portuguesa, buscando levar para os alunos de níveis fundamentais e médios o conceito de multiplicidade lingüística.

INTRODUÇÃO

O presente estudo focaliza a utilização dos conectores coordenativos E, AÍ e ENTÃO na fala e escrita do português brasileiro. Baseando-nos nas teorias Funcionalistas de vertente norte-americana buscamos, através da observação e análise dos dados, trazer contribuições para o ensino de língua materna. Falamos em dados, mas o que seriam esses dados e de onde foram extraídos? Esse trabalho é apenas um recorte de uma pesquisa muito mais ampla, intitulada: “Condicionamentos cognitivo-comunicativos ao uso de conectores coordenativos na conversação cotidiana: contribuições para o ensino de língua portuguesa nos níveis fundamentais e médios”. Para que essa pesquisa pudesse acontecer utilizamos uma amostra de conversações cotidianas integrantes do Banco Conversacional de Natal (FURTADO DA CUNHA, 2008), o qual foi produzido pela base de pesquisa *DISCURSO&GRAMÁTICA*. O trabalho constitui-se em, a partir dos dados quantitativos e do embasamento teórico, descobrir como se dá o uso dos conectores E, AÍ e ENTÃO no português brasileiro atual na cidade do Natal; para isso, utilizamos conceitos provenientes do funcionalismo norte-americano como: conceitos e categorias que serão aplicados para a análise dos padrões de comportamento entoacional, morfossintático e semântico-pragmático dos conectores coordenativos. Os conectores coordenativos E, AÍ e ENTÃO articulam orações e segmentos do discurso de proporções variadas, facilitando a percepção, por parte do ouvinte, do tipo de relação coesiva pretendida pelo falante. São mecanismos fundamentais, portanto, para a coesão

textual e, destarte, sua abordagem nos níveis fundamental e médio de ensino é muito importante. Vejamos alguns exemplos:

(1) [Não se alimenta]... e ta vivendo de que até hoje?

(2) [pod/pode botar... pode botar [porque tem I want] that way de novo... aí... I want that way de novo... aí tem I want that way de novo...]

(3) ... Alzenir... eu vou falar uma coisa pa você... a vida... o mundo e hoje em dia é difícil pra todo mundo... entendeu? Então é aquela coisa... às vezes você ta trabalhando [cheia de coisa estressada] ...

Dentre os pressupostos funcionalistas mais relevantes para este estudo, destacamos o conceito de gramaticalização, que pode ser definido como um processo gradual pelo qual passa um item frequentemente usado em contextos comunicativos específicos, podendo: (a) adquirir função gramatical, e, uma vez gramaticalizado, (b) angariar novas funções gramaticais. No caso dos conectores sob enfoque, quando o mais recente deles, AÍ, sofreu gramaticalização a partir de seus usos como advérbio de lugar, e começou, em torno do século XIX, a ser utilizado como conector no português brasileiro (cf. TAVARES, 2003), passou a partilhar e disputar espaço com os conectores mais antigos. A convivência de mais de uma forma no desempenho de uma mesma função é considerada, no âmbito do funcionalismo (cf. HOPPER, 1991; GIVÓN, 1995), anti-funcional (por ser pouco econômica), e, portanto, tende a deixar de existir no decorrer do tempo, à medida que cada forma se especializa para contextos de uso distintos, ou no caso de uma ou mais formas deixarem de ser empregadas, desaparecendo da língua. Tendo como ponto de partida o controle de certos grupos de fatores podemos caracterizar os contextos de uso entoacionais, morfossintáticos e semântico-pragmáticos preferenciais de cada um dos conectores sob enfoque, e, desse modo, obter indícios de suas especializações em termos de contextos de uso. Isso nos permitiu observar se cada um dos conectores está se especializando para contextos de uso distintos, ou, pelo contrário, se há grande sobreposição funcional no uso desses conectores na conversação cotidiana típica da comunidade de fala de Natal.

Desse modo veremos agora a metodologia utilizada para chegar aos resultados abaixo. Utilizamos cinco conversações cotidianas pertencentes ao Banco Conversacional de Natal (FURTADO DA CUNHA, 2008), das quais foram retirados 203 dados. Esses dados foram codificados de acordo com os grupos de fatores listados a seguir e, após, foram submetidos ao pacote estatístico VARBRUL (PINTZUK, 1988), para a obtenção de frequências e percentuais.

GRUPOS DE FATORES:

1. Relação semântico-pragmática existente entre as orações interligadas pelo conector:

- (1) seqüenciação textual;
- (2) seqüenciação temporal;
- (3) causa/conseqüência;
- (4) seqüenciação interrogativa.

2. Tipos de seqüência discursiva:

- (1) descritiva;
- (2) narrativa;
- (3) procedimental;
- (4) explicativa;
- (5) argumentativa;
- (6) dialogal.

3. Tipo de oração: (1) afirmativa; (2) negativa; (3) interrogativa; (4) imperativa.

4. Assunto tratado na conversação no momento em que o conector é empregado:

- (1) questão pessoal ou questão sobre a qual o falante demonstra possuir bom conhecimento;
- (2) questão social de foro mais amplo (envolvendo política, economia, religião), especialmente quando o falante demonstra não possuir grande conhecimento a seu respeito ou quando demonstra hesitação em falar sobre ela (o que comumente ocorre quando o tema abordado na conversação é polêmico).

5. Nível de articulação discursiva: (1) entre orações; (2) entre segmentos tópicos; (3) entre subtópicos; (4) entre tópicos; (5) entre turnos. Pôr um exemplo de cada nível de articulação

6. Constituição de uma unidade entoacional composta pelo conector e a oração que introduz:

- (1) sem pausa entre o conector e a oração (= constituição de unidade entoacional);
- (2) com pausa entre o conector e a oração (= não constituição de unidade entoacional).

7. Existência de pausa entre as orações interligadas pelo conector:

- (1) sem pausa (oração 1 CONECTOR oração 2);
- (2) existência de pausa antes do conector (oração 1 (pausa) CONECTOR oração 2);

- (3) existência de pausa depois do conector (oração 1 CONECTOR (pausa) oração 2);
- (4) existência de pausa dupla (oração 1 (pausa) CONECTOR (pausa) oração 2).

Resultados

Adentrando agora nesta seção, apresentamos os resultados referentes ao controle de grupos de fatores. No nosso caso, como fizemos um recorte, o grupo de fatores focalizado foi “Assunto tratado na conversação no momento em que o conector é empregado”. Esse grupo de fator se subdivide em duas partes:

(1) questão pessoal ou questão sobre a qual o falante demonstra possuir bom conhecimento;

(2) questão social de foro mais amplo (envolvendo política, economia, religião). Para se visualizar esse grupo melhor observem os exemplos a seguir:

(1) Ex: aí ele foi e disse... “sozinha não... você num vai não... pode tirar a roupa aí que você num vai não... aí ela ficou com raiva...

(2) Ex: Rapaz... tem uma de que começou ali...vendendo...é:: cinquenta centavos a cochinha e um na:: pão inteiro quando eu (tava) quando eu chego lá... e gente direto... e o caso lá é só fritando, fritando direto...aquela outra da esquina...

Quanto ao grupo de fatores em questão, E e AÍ são frequentes tanto quando o assunto envolve questões sociais de foro mais amplo quanto quando envolve questões pessoais. Nesses contextos, E é o conector mais recorrente, respondendo por 69% e 67% dos dados, respectivamente. Já AÍ responde por 29% e 27% dos dados, respectivamente. Por sua vez, ENTÃO predomina quando os falantes abordam questões pessoais, representando 6% das ocorrências referentes a esse fator. Veja Tabela abaixo:

Assunto tratado	<i>E</i>		<i>AÍ</i>		<i>ENTÃO</i>	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Questão social de foro mais amplo	28/41	69	12/41	29	1/41	2

Questão	108/162	67	44/162	27	10/162	6
Pessoal						
TOTAL	136/203	67	56/203	28	11/203	5

Tabela 1: Distribuição de *E*, *AÍ* e *ENTÃO* quanto ao assunto tratado

Conclusões

Com o desenvolvimento desta pesquisa, constatamos que os itens gramaticais *E*, *AÍ* e *ENTÃO* cada vez mais estão concorrendo entre si por espaço. No entanto, o item que mais vem ganhando destaque é o *AÍ*. O *ENTÃO* parece vir caindo em desuso na língua, porém, em contextos mais formais, ainda se faz presente. Nossos resultados, mesmo que de forma superficial, constituem-se em uma contribuição para o ensino do português. Levar em conta a multiplicidade lingüística nos níveis fundamental e médio de ensino significa fazer o aluno perceber o processo de variação e mudança da língua. Sendo assim, podemos concluir que a análise lingüística é uma forma enriquecedora para o ensino de língua materna.

Bibliografia

- ANTUNES, I. Muito além da gramática. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, M. Nada na língua é por acaso. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, M. Pesquisa na escola: o que é e como se faz? São Paulo: Loyola, 1998.
- BUZEN; C; MENDONÇA. Horas. Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo; Parábola, 2006.
- CHRISTIANO,M.E.A;SILVA,C.R;HORA,D. da Orgs. Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino. João Pessoa: Idéia. 2004.
- BARRETO, T. M. M. Gramaticalização das conjunções na história do português. Salvador, 1999. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal da Bahia.
- BRAGA, M. L. *Aí... E então? Aí e então: elementos de conectividade inter-oracional em mudança?* Rio de Janeiro: UFRJ. (Relatório de pesquisa) Impresso. 2000.
- _____. *E aí se passaram 19 anos.* In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação.* Rio de Janeiro: Contexto, 2003. p. 159-174.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance.* Cambridge: Blakwell, 1995.
- FURTADO da CUNHA, M. A. (org.). *Corpus Discurso & Gramática - a língua falada e escrita na cidade do Natal.* Natal: EDUFRN, 1998.
- _____; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Lingüística funcional: teoria e prática.* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GIVÓN, T. *Syntax.* Amsterdam: J. Benjamins, 2001.
- MARTELOTTA, M. E. T. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional.* Rio de Janeiro, 1994. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PINTZUK, S. 1988. *VARBRUL programs.* ms.
- RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro: contato lingüístico,*

heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

TAVARES, M. A. A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. Florianópolis, 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. Condicionamentos lingüísticos e sociais sobre a seqüenciação de informações no português oral d'aquém e d'além mar: mudança em progresso? Revista Signun: estudos da linguagem, Londrina, v. 6, n. 2, p. 219-251, 2004a.

_____. Articuladores textuais na sala de aula: e, aí e então sob uma visão funcionalista. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (orgs.). Funcionalismo e ensino de gramática. Natal: EDUFRN, 2007.

VANDRESEN, P. (org.). Variação, mudança e contato lingüístico no português da região sul. Pelotas: EDUCAT, 2006.